

**Marcelo Costa: O caso do verde primário**

Inauguração 06 de Junho de 2013

06 de Junho a 07 de Setembro de 2013

**O caso do verde primário**

O interesse de Marcelo Costa na cor é “teórico”, como acontece com aqueles – criaturas do desenho - que acham que o mundo se vive teoricamente ou não se vive de todo. O que nos é dado tem de demonstrar o seu potencial para ser e poder ser em simultâneo – e só desse modo, ao ser-nos retirado, nos é *realmente* dado.

Ora uma cor que ao mesmo tempo se dá e se retira deve primar, sobretudo, pelo erro. Deve impôr o seu desacerto, não relativamente a isto ou àquilo em particular, mas tornando-se indiferente, recusando-se a encarnar.

Tornar a cor indiferente, contudo, não pode ser feito. Pode, sim, demonstrar-se o quão pouco as coisas encarnam *por si*, o quão pouco elas diferem *por si*, sugerindo que tudo - corpo, olhar... – foi *destituído* (como quando se diz que alguém é destituído de um cargo) quando começou a ser *produzido*.

Daí que Marcelo Costa se indague, de forma adequadamente aproximativa, fracturada (eminentemente secundária) sobre o verde primário. Não se trata de filosofar mas de metaforizar - de nos descobrirmos, estacionados como que em permanência, nessa antecâmara da metamorfose, com uma cor que se separou do que a pode albergar (ou que é expulsa do que nos é dado) e de isso constituir, subitamente, razão para alarme.

Olhamos para trás, tentando compreender como aqui chegámos. Dizemo-nos que o mundo é facticidade e espectros e que isso nos afasta mais e mais do “caso”, nos dois sentidos que o termo aqui assume: o gramatical (diminuição da capacidade da cor para se declinar) e o de mistério detectivesco (se o “caso” é a ocorrência já ocorrida, resolvê-lo implica um poder teórico).

Por isso o “verde primário” não é tão somente um anti-naturalismo, ou um princípio de abstracção (e menos ainda um neo-conceptualismo), mas uma espécie de mondrianismo Pop - terapêutico, político, espiritual e moral – que vê na destituição do (antigo) corpo, do (antigo) olhar, a possibilidade de um *volte-face*. O que agora se exige ao pintor (Marcelo Costa deixa-o claro nas suas notas para a exposição) é “mais [a] capacidade de transportar do que [a] de transformar.”

A cor errada não nos fala de outra coisa. Não basta mostrar o que a pintura faria se pudesse ainda fazê-lo, exercitando à luz do dia o que previamente tinha lugar nos bastidores, é preciso ainda que pintura e cor apontem (mesmo que, de momento, não possam fazer mais do que timidamente apontar) para a sua retirada da esfera autónoma da arte, exigindo de volta a função (há muito perdida) de transmitir.

“Acertar com precisão, ao lado do alvo” \* implica vasculhar mais fundo no baú do desenho, onde errar e acertar nascem gémeos e o imperativo do exercício nos coloca *teoricamente* antes e para além da estética. Aí onde transformar, transportar e transmitir se confundem.

Manuel Castro Caldas

- 
- “Escolha – acertar com precisão, ao lado do alvo.” Nota de Marcelo Costa para a exposição.

**Nota biográfica:**

Marcelo Costa nasceu em Coimbra (1978).

Vive e trabalha em Lisboa, Portugal.

Formou-se em desenho e pintura no Ar. Co - Centro de Arte e Comunicação Visual em Lisboa, onde é actualmente professor, responsável do departamento de Cinema/Imagem em Movimento e co-responsável do departamento de Desenho e Pintura.

Recentemente expôs na Fundação Carmona e Costa e no BA Studio (2012), no Museu Nogueira da Silva, Braga (2011) e na Galeria João Esteves de Oliveira (2010). Em 2005 foi seleccionado para o 2º prémio Rothschild de Pintura, Palácio Galveias, Lisboa. Em 2000 para Concurso de Desenho Celpa - Vieira da Silva, Fundação Arpad Szenes/Vieira da Silva, Lisboa. Participou em exposições colectivas na Áustria, em França, Angola e Itália, entre outros.

O seu trabalho encontra-se representado na Colecção Carmona e Costa, Lisboa, na Colecção Cachola, Elvas, na Colecção do Ar. Co, Lisboa e na Colecção Dietrich Mateschnitz, Salzburgo, entre outras.



GALERIA  
BELO-  
GALSTERER

**The Case of Primary Green**

A solo exhibition by Marcelo Costa

Opening: 6<sup>th</sup> of June, 2013

From 6<sup>th</sup> of June – 7<sup>th</sup> of September, 2013

Marcelo Costa's interest in color is theoretical, which is what happens with all those – as creatures of drawing – for whom the world is either experienced theoretically or not at all. What is given to us must demonstrate a potential to exist and simultaneously a capacity to exist – and only in this fashion, when taken away from us, can anything really be given to us.

Now, a color that we are given at the same time as it is taken away should stand out, above all else, for being wrong. It should impose its error, not in relation to this or that in particular, but its effort to grow in different, by its refusal to incarnate.

To make a color appear indifferent is, of course, impossible to do. But one could demonstrate how little things are incarnate in themselves, how little they differ in themselves, thus suggesting that everything – the body, the gaze... - was dismissed (in the way we say someone has been dismissed from work) when it started to be produced.

Such is the logic behind Marcelo Costa's inquiry, in a befittingly approximate, fractured (eminently secondary) manner, into primary green. He is not engaged in philosophy but in creating a metaphor: we discover our own selves forever stationed in that antechamber of metamorphosis, with a color that has separated from whatever that could house it (or that has been expelled from what we are given) and all of a sudden this become a cause for alarm.

By looking back, we try to understand how we got to where we are. We tell ourselves that the world is nothing but facticity and specters and that this further removes us from the "case" in both senses of the term presented here: the grammatical (the color's range of inflections is reduced) and that of the detective or mystery story (if the "case" is an occurrence that has already occurred, to solve the case implies theoretical power).

Thus "primary green" is not mere anti-naturalism or principle of abstraction (even less a neo-conceptualism) but a kind of Pop Mondrianism – therapeutic, spiritual and moral – that sees the destruction of the (old) body, the (old) gaze, as the possibility of a volte-face. What is now asked of the painter (and Marcelo Costa makes this clear

in his exhibition notes) is “rather [the] capacity to transport than [the] capacity to transform.”

This is what the wrong color tells us. It is not enough to show what painting would do if (only) it could by practicing in broad daylight what had previously taken place backstage. Both painting and color must also point (even if only timidly for the time being) to their removal from the autonomous sphere of art, demanding that the (long lost) function of transmitting be returned to them.

“To miss the target with precision”<sup>1</sup> implies that we must search deeper into the chest of drawing, where right and wrong were born twins and the imperative of the exercise places us theoretically before and beyond aesthetics. There were transforming, transporting and transmitting can be rightfully confused.

Manuel Castro Caldas, June 2013

(text translated by Carole Garton)

**Biographical Note:**

Marcelo Costa (1978), was born in Coimbra, Portugal. Today, he lives and works in Lisbon, Portugal.

He graduated in drawing and painting at Ar.Co School in Lisbon, where he is now head of the Department for Cinema / Image in Movement.

His work has a privileged relationship with drawing and painting, based on a process that researches as well “old” sources as well as new means of expression. It’s a personalized vision that juxtaposes media and techniques that confirms the contemporaneity of his work.

Recently, he exhibited at Carmona e Costa Foundation and BA Space, Lisbon (2012), at Museum Nogueira da Silva, Braga, Portugal (2011), and at Gallery João Esteves de Oliveira, Lisbon (2010). In 2005, he was shortlisted for the 2nd Painting Award Rothschild, Palácio Galveias, Lisbon, Portugal.

In 2000, he was shortlisted for the Celpa Drawing Award - Vieira da Silva, Fundação Arpad Szenes/Vieira da Silva, Lisbon, Portugal. And in 2001, he won the Award of the 56th Salon de Montrouge, France. He participated in group exhibitions in Angola, Austria, France, and Italy, too.

His work is represented in the Carmona e Costa Collection, Lisbon, the Cachola Collection, Elvas, Portugal, the Ar.Co Collection, Lisbon, and the Dietrich Mateschitz Collection, Salzburg, Austria, between others.

---

<sup>1</sup> “Choice – to miss the target with precision.” Marcelo Costa, note for the exhibition, 2013.

***New Work***  
de Rui Sanches  
06.06. – 07.09.2013

A escultura, constituída por duas portas, outros elementos em madeira, estruturas de ferro, espelho e barro cru, ocupa o centro de uma sala de planta quadrada. O espectador é induzido a circundar a obra e vai sendo sucessivamente confrontado com planos que lhe cortam a passagem e a visão (“portas” fechadas), vistas entre planos, diretas ou indiretas, estruturas cúbicas que organizam o espaço, volumes mais ou menos orgânicos, massas de barro que escorrem frescas para o chão.

Opacidade e transparência, visão e retro visão, formas planas e tridimensionais, sugestões orgânicas e estrutura geométrica, visão e tacto, expansão e contenção, ao longo da duração do movimento do corpo.

Uma série de materiais comuns, que associamos à vida quotidiana, organizados de maneira a criarem uma presença dentro da galeria. Uma forma que dialoga com as paredes, o chão, o tecto e o ar que são a sala. Uma presença com que o espectador se relaciona através de uma sequência de eventos que o levam a uma consciência mais aguda da sua própria existência no espaço.

Rui Sanches, maio 2013

**Nota biográfica:**

Rui Sanches nasceu em Lisboa (1954) onde vive e trabalha. Estudou na Ar.Co, em Lisboa, in no Goldsmiths' College em Londres (B.A. 1980), bem como na Yale University, New Haven (M.F.A. 1982).

Recebeu uma bolsa da Fundação Gulbenkian para o período de 1980/1982. Realizou a sua primeira exposição individual em Lisboa na Galeria de Arte Moderna na Sociedade Nacional de Belas Artes em 1984, seguida da sua primeira exposição de Escultura na Galeria Diferença em Lisboa. Desde então, o seu trabalho tem sido apresentado em inumeros museus, galerias e centros de arte, em todo o mundo.

***New Work***

by Rui Sanches

06.06. – 07.09.2013

The sculpture, consisting of two doors, other wooden elements, iron structures, mirror and raw clay, occupies the centre of a square-shaped room. The spectator is induced to go around the work and is successively confronted with planes that cut off his passage and vision ("doors" closed), views between planes, direct or indirect, cubic structures that organize the space, more or less organic volumes, masses of clay that drip fresh onto the floor.

Opacity and transparency, vision and retro vision, flat and three-dimensional forms, organic suggestions and geometric structure, vision and touch, expansion and containment, throughout the duration of the body's movement.

A series of common materials, which we associate with everyday life, organised in such a way as to create a presence within the gallery. A form that dialogues with the walls, the floor, the ceiling and the air that are the room. A presence that the spectator relates to through a sequence of events that lead him to a more acute awareness of his own existence in the space.

Rui Sanches, May 2013

**Biographical Note:**

Rui Sanches was born in Lisbon (1954) where he lives and works. He studied at Ar.Co, in Lisbon, at Goldsmiths' College in London (B.A. 1980) and at Yale University in New Haven (M.F.A. 1982). He received a Gulbenkian Foundation scholarship for the period 1980/1982. His first one-person exhibition of drawings took place in Lisbon in the Modern Art Gallery of SNBA in 1984, soon followed by a first exhibition of sculpture in Galeria Diferença, in the same city. Since then he has shown his work in many galleries, museums and art centres, both in Portugal and abroad.